

CAPÍTULO IV - O diálogo epistolar entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis

Dra. Raquel Afonso da Silva

No artigo “Dona Flor”⁷⁶, publicado no *Diário de Notícias*, em maio de 1940, Mário de Andrade, em singular analogia, aproxima o gênero epistolar do violão – a carta seria “uma espécie de violão da literatura” a que milhares de escritores se dedicavam, o que não o impedia de vê-la como o “gênero ideal”, pelo hibridismo de sua constituição, a multiplicidade de funções e por sua “nobreza humana”, já que, aos olhos deste notável epistológrafo, a carta cumpria os propósitos de socializar, aproximar os indivíduos e cultivar a amizade.

Apesar de a metáfora de Mário se voltar primordialmente às cartas de escritores, os desígnios que o autor confere ao gênero podem, por certo, ser estendidos a outros contextos de escrita. Por exemplo, é justamente buscando essa “aproximação” por meio do diálogo escrito que várias crianças contemporâneas de Mário de Andrade encaminhavam suas cartinhas ao já então consagrado escritor de literatura infantil, Monteiro Lobato. A julgar pelas sucessivas edições dos livros infantis do autor nas décadas de 1930 e 40, numerosa deveria ser essa correspondência. Uma mostra significativa – embora não volumosa – dessas cartas foi salvaguardada para a posteridade, conservando a memória dessa forma de sociabilidade que unia o autor a seu público.

As cartas que se preservaram foram entregues pelo próprio Lobato

⁷⁶ “Dona Flor”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 maio 1940. In: ANDRADE, Mário de. *Vida Literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 1993. p. 188.

a Marina de Andrada Procópio de Carvalho, amiga do autor, a qual era sobrinha de Raul de Andrada e Silva, professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo. Foram, depois, agregadas ao arquivo pessoal do professor e doadas ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), constituindo o *Dossiê Monteiro Lobato*. São 246 cartas, escritas nas décadas de 1930 e 40, que nos possibilitam acompanhar fragmentos da recepção da obra lobatiana por seus leitores de carne e osso.

Titubeando entre a formalidade de quem escreve a um célebre desconhecido e a informalidade sugerida pela intimidade com os livros e personagens de Lobato, esses jovens missivistas, desejosos de se destacar da massa anônima de leitores, propõem-se a dialogar sobre as aventuras do Sítio do Picapau Amarelo, falar de suas predileções em relação às personagens, apresentar pedidos – de livros, autógrafos, fotografias –, sugerir enredos para novas histórias, informar sobre homenagens realizadas em suas escolas – através do patronato de clubes de leitura e bibliotecas – e agradecer pelo muito que aprenderam com a literatura do autor. Vários, inclusive, desejam se tornar amigos do criador da Emília e lhe contam sobre seu dia a dia, a vida escolar, fazendo até confidências. Alguns chegam a manter, de fato, correspondência com o escritor, sinal de que este procurava responder às cartinhas de seu público. É o caso da leitora Cordélia Fontainha Seta; há 9 cartas dela no acervo do IEB, entre as quais, esta de fevereiro de 1945, em que a menina elabora comentários a respeito dos *Doze Trabalhos de Hércules* (1944), a princípio, a pedido do próprio Lobato:

Belo-Horizonte, 17/2/1945

Caro Sr. Lobato.

Aqui está a cartinha que o Sr. pediu que eu escrevesse, isto é, uma cartinha com mais “cumprimento” a respeito da façanha dos “picapaus” na Grécia.

Achei os livros ótimos. Mas ótimos de verdade, pois eu sou das tais meninas que o Sr. aprecia; isto é “das meninas bastante corajosas para dizer o que pensam” (como disse o Sr. em uma de suas cartas).

“Os Doze trabalhos de Hércules” são destes livros (como aliás são todos os que o Sr. escreve) que a gente (não é o “agente” da Estação) lê, lê, lê, nunca enjoa de estar lendo, e fica com pena de ter que acabar de ler.

Eu acho que os livros do Sr. podem ser divididos em duas classes: à primeira, pertencem os livros que contam fatos passados no Sítio; e à segunda pertencem os que contam cousas passadas fora do Sítio; como por exemplo os “Hércules”. Gosto de ambas as classes, mas acho que não há nada como o Sítio... Ele é a melhor cousa que já se imaginou no mundo. Acho que não existe nenhuma criança que não gostaria de morar lá. É mesmo “o suco dos sucos”, como dizem os “picapaus”.

Mas, voltando aos Hércules, gostei imensamente de ver como o Sr. foi encadeando inúmeras lendas gregas nestes livros. Acho até que eu já posso discutir a respeito da Mitologia Grega como o Visconde. E, por falar em Visconde, não deixe que ele torne a ser carrancudo: deixe-o “sábio como sempre e alegre como nunca”; ele assim se torna o que se pode chamar de um “sábio ideal”.

[...]

Agora um segredo (que Zeus não me ouça): o Hércules é só mesmo um “massa bruta”; se não fossem os “picapaus”!...

Fiáu, fiáu! Acho que, sozinho, ele não realizaria nem o primeiro trabalho; quanto mais doze! Para mim os “picapaus” valem mais do que todos os “Hércules” do mundo, reunidos [...]

E eu vou parar por aqui, porque se eu for falar a respeito de tudo quanto eu gostei nos “Hércules”, escrevo tanto, que dá para fazer uns outros 12 livros do mesmo tamanho e grossura que os “Hércules”. Mais uma vez lhe agradeço o presente.

[...] A opinião eu mandei, satisfazendo ao seu pedido: “Quero que os leia e me diga o que pensa a respeito; não elogios (isto é impossível), sim o que realmente sentiu na leitura e o que pensa da série.”

Da amiguinha, Cordélia. (Aguarda carta do Sr.)⁷⁷

Cordélia, que já se correspondia frequentemente com Lobato, escreve ao autor – em carta anterior à que acabamos de ler – para pedir os 12 volumes de *Os Doze Trabalhos de Hércules* autografados. Vale frisar que este foi o formato inicial de impressão desta última empreitada lobatiana na literatura infantil, publicar cada trabalho do herói em um volume. Ao que parece, Lobato realiza o desejo da leitora e, ao enviar os livros, pede que ela mande sua opinião “sincera” sobre a história em uma cartinha.

Na obra em questão, a turminha do sítio viaja até a Grécia Antiga e ajuda Hércules a realizar os famosos “12 trabalhos” a que foi forçado. Por isso, Cordélia diz que Hércules não teria conseguido realizar as façanhas sem

⁷⁷ Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, C1P3C7.

a ajuda dos “picapaus”, e reforça a esperteza e inteligência das personagens – sem elas, a “força bruta” de Hércules não valeria de nada. Além disso, em seu comentário, a garota sublinha que prefere as histórias que se passam no sítio, pois “ele é a melhor coisa que já se imaginou no mundo”, é o “suco dos sucos”.

Há uma curiosidade sobre a remetente desta carta. Cordélia é a organizadora do livro *Cartas de Amor* (1969), que traz as cartas de Lobato para Purezinha, sua esposa, durante o período do noivado dos dois. Seria viável supor que o relacionamento entre a leitora e a família de Lobato tenha surgido a partir da correspondência entre a menina e o escritor? Considerando-se o estilo muito formal da primeira carta de Cordélia, quando comparada às seguintes, é possível conjecturar que remetente e destinatário não se conheciam, de modo que a familiaridade entre eles vai surgindo ao longo das cartas, havendo, inclusive, em uma delas, a menção a uma visita que a família de Cordélia havia feito à família de Lobato.

Pela carta de Cordélia, notamos que as personagens são eixos importantes a motivar esse diálogo escrito, o que, por sinal, repete-se na maioria das cartas do dossiê. No entanto, alguns leitores vão além – ao invés de tomarem Lobato como destinatário, dirigem seus escritos às personagens, a Emília e Dona Benta, mais especificamente. É interessante ler uma dessas cartinhas, pensando o que teria instigado a leitora a se utilizar desta estratégia.

Ilma. Sra.

D. Benta Encerrabodes de Oliveira e família. Como vão todos aí?

Como vai a Emília balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esses amiguinhos meus (menos a Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”. (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer – fazer aventuras)

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.
-du- bist- dumm⁷⁸ –
von

Maria Luiza⁷⁹

A leitora Maria Luiza, ao invés de escrever uma carta diretamente para Lobato, com quem já se correspondia, escreve para Dona Benta, a matriarca do sítio do Picapau Amarelo. Dona Benta era mesmo muito querida pelos leitores, que frequentemente falam em suas cartinhas da sábia avó de Pedrinho e Narizinho, que tantas histórias conta a seus netos e às crianças leitoras de Lobato! Também é ela quem transmite lições sobre várias disciplinas e ensina às crianças o amor pelo conhecimento. Podemos notar que a remetente pergunta a D. Benta sobre as personagens principais do sítio e vai atribuindo qualidades a cada uma. Além disso, envia recado às personagens e ao próprio Lobato. Ao invés de Lobato ser o porta-voz da leitora, portando recados para as personagens – como vemos em várias cartinhas de leitores –, aqui é uma personagem que se torna a mensageira de um pedido de desculpas destinado a Lobato.

Nota-se, pois, que as personagens, nessa carta – assim como em outras do acervo –, compõem a estratégia de estilo da remetente, recurso que Lobato também adota nas respostas que escreve a seus jovens missivistas, hipótese possibilitada pela leitura dos poucos exemplares conhecidos dessas cartas, dispersos em livros e acervos. No Fundo Monteiro Lobato, preservado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), da Universidade Estadual de Campinas, há duas cartas de Lobato dirigidas à “srta. Maria Luiza”. Vejamos uma delas.

S. Paulo, 21/6/1936

Srta. Maria Luiza:

⁷⁸ “3 palavras dedicadas à Emília em alemão: você é estúpida.

⁷⁹ Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, C1P2C9.

Arrumando os meus papéis hoje, encontrei a sua cartinha azul de 11 de fevereiro e me deu vontade de lhe escrever sabendo como vai passando a minha amiguinha desconhecida e companheira de “livre pensamento”.

Tem lido muito? Aumentou a biblioteca? Naquele tempo tinha 110 volumes. E agora? Aposto que já está em 120.

Li sua cartinha lá no sítio do Picapau e a Emília disse: “Ela que venha aqui que eu tiro a prosa dela” – e como você disse que sabia alemão, a sapeca da Emília pôs-se a aprender alemão depressa para não fazer feio quando você vier. Ela já sabe dizer Como vai? Bem obrigada, e outras coisinhas assim na língua do barão de Münchhausen.

Emília, coitada, anda muito aborrecida, porque os livros já deram notícia que ela estava escrevendo as Memórias da Marquesa de Rabicó e essas memórias não saem nunca. Ela é uma danadinha para falar, mas quando pega na pena fica boba e não sai nada. Eu desconfio que quem vai escrever as memórias dela é o visconde – e depois, está claro que ela as assina com o maior caradurismo do mundo, como fez com a aritmética.

Este ano deu muita laranja lá, sobretudo cravo, e eles têm se regalado. Até Quindim está gordo de tanto mascar laranja – esse com casca e tudo.

Rabicó anda planejando qualquer coisa. Qualquer dia ele também sai com um livro, Geometria de Rabicó, qualquer coisa assim. Deu mania de escritor neles. Até Quindim está fazendo uma História Natural – e bem boa, para um animalão chifrudo daqueles.

Bem, a prosa está boa mas é hora de ir tomar café. Já me chamaram (e com bolinhos de tia Nastácia). Por isso, adeus. Seja muito feliz e me escreva uma carta bem comprida e asneirenta como as da Emília.

Do amiguinho desconhecido

Monteiro Lobato⁸⁰

Nessa carta, a segunda que escreve à leitora, Lobato não apenas insere comentários de Emília, como também introduz acontecimentos do *sítio*. Desse modo, o mundo ficcional dos livros é transposto para as cartas, de tal forma que este adquire um estatuto real, possível, algo verificável também pela inserção do próprio autor neste ambiente.

As cartas destinadas às personagens ilustram o cruzamento, constante

⁸⁰ CEDAE-UNICAMP. Fundo Monteiro Lobato, BL-Ms00003.

nessa correspondência, entre realidade e fantasia. Através delas, leitor e escritor – figuras históricas – cruzam os limites do real ao interagirem com as personagens e, reciprocamente, estas ganham historicidade ao se tornarem destinatárias de cartas e portadoras de recados. Supostamente, esse entrelaçamento entre real e ficcional se coloca como parte do pacto leitor/autor, integrando, ademais, a construção da identidade do leitor, que guarda, nas cartas ao autor, a mesma relação de proximidade/afastamento que mantém com os livros lidos.

Ressalta-se, ademais, que Lobato partilha com a leitora informações sobre a produção de outras obras – *Memórias da Emília*, narrativa já propagandeada em outros livros, está “difícil de sair”... E Lobato antecipa para a leitora o que, de fato, acontece na narrativa: o Visconde, subjugado pela Emília, é quem escreve as memórias da boneca. Além disso, outras ideias para possíveis livros paradidáticos são anunciadas. Tais comentários, além de, possivelmente, buscarem colher de antemão a reação do público, servem para mantê-lo na expectativa de novas aventuras – uma forma de publicidade que, personalizada no objeto da carta, poderia render bons frutos.

Possivelmente, para Lobato, essa correspondência era um recurso excelente para obter um *feedback* do impacto de suas obras sobre seu público alvo. Por vezes, elas parecem ter servido para algo mais, tornando-se fonte de inspiração para novas histórias. Em *O Sítio do Picapau Amarelo* (1939), atendendo a pedidos que vários leitores lhe faziam em suas cartas, o autor relata a visita de várias crianças ao sítio de D. Benta, quase todas, correspondentes do autor. Eis o trecho:

Dona Benta nunca deixou que os meninos dessem o seu endereço a ninguém, e isso porque milhares de crianças andavam ansiosas por passar temporadas lá (...) Mas quem pode com certas crianças mais espertas que outras?

Quem pode, por exemplo, com a Maria de Lourdes? Ou com a Marina Piza, ou a Maria Luiza, ou a Bjornberg de Coqueiros, ou o Raimundinho de Araújo, ou o Hélio Sarmento, ou a Sarinha Viegas, ou a Joyce Campos, ou a Edite Canto, ou o Gilbert Hime, ou o Ayrtton, ou o Flávio Morretes, ou a Lucília da Carvalho, ou o Gilson, ou a Lêda Maciel, ou a Maria Vitória, ou Nice Viegas, ou os três Borgesinhos (Stila, Mário e Marila), ou o Davi Appleby, ou o Joaquim Alfredo, ou

a Hilda Vilela, ou o Rodriguinho Lobato e tantos e tantos outros?⁸¹

Este não é o único caso em que leitores de “carne e osso” são transmutados em personagens das narrativas. Há também o emblemático caso da leitora Maria de Lourdes, que assinava suas cartas com o pseudônimo “Rã”. Algumas das ideias que apresentou em carta a Lobato foram aproveitadas na elaboração de *A Reforma da Natureza* (1941), narrativa na qual a menina toma parte. Vejamos uma das cartas da leitora.

Caro Lobato:

Emília, a sapeca da Emília, gostou das minhas modificações? Ótimo! Já arranjei outra: podemos modificar também o descarado do Rabicó. No focinho ele levará um certo aparelho de minha invenção, um pouco parecido com uma ratoeira que lhe dará um “liscabão” daqueles, toda vez que ele for fossar minhocas ou roubar cocadas. As pernas serão trocadas por umas de tartaruga bem lesma, para impedir de “desaparecer veloz pela fimbria do horizonte” quando merecer um bom ponta-pé pedriniano. O rabinho, para ficar mais chique, pode ser feito o de um cachorrinho lulu, dos bem frisadinhos. O nariz (já reparou que porco vive de nariz escorrendo?) terá um lenço automático que de 5 em 5 minutos dê uma limpadela em regra. Que tal? Já é alguma coisa... Ai! Tive uma ideia! Linda! Ideia mãe! Que tal se a Emília pintasse no casco do Quindim a Branca de Neve com todos os anõezinhos em volta e todos os bichinhos também, ao lado do príncipe que a abraçava com um braço e com o outro esmagava a bruxa?

Aí o rinoceronte ficava tão lindo, tão lindo, tão tão tão lindo... que aposto que logo surgia uma rinoceronta toda pimpona com olhos de mel... Epa! E se o Quindim tivesse em vez de chifre uma flecha do Cupido com um coração assado na ponta? Ah! A pobre da vaca mocha no mesmo instante propunha casamento. [...] Com tanta maravilha assim, eu juro que o Gêgê e o Hitler bateriam o trinta e quatro de tanta incompreensão e abestalhamento. Seria otimíssimo!

[...]

Gostou do desenho? Merci...

Vou tentar a caricatura da Emília e a minha, reformando a “Mãe Natura”.

Good bye! Agradeça ao danado do Visconde a “lição de mestre” que

⁸¹ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. v. 12. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 155.

me deu. E peça por mim desculpas à Mocha, yes?

Rã

(veja só o emproamento do “r”)

E que a Emília tome cuidado e não queira fazer como o Pisca-pisca (modificando a jaboticabeira e botando lá, abóboras...)

Quem avisa, amigo é...⁸²

No referido livro, Emília, estando sozinha no *sítio*, decide reformar a Natureza e convoca para ajudá-la uma menina do Rio de Janeiro com a qual andava se correspondendo. Tal menina é a Rã, que, com o auxílio do “pó de pirlimpimpin”, vai até o *sítio* e realiza, juntamente com Emília, diversas reformas. Pode-se supor que, na correspondência com a garota, Lobato tenha comentado sobre a ideia “emiliana” de reformar a natureza, o que, por certo, serviu de inspiração para Rã, abrindo uma brecha para que ela tivesse ideias mirabolantes, compartilhadas com Lobato por carta, as quais acabaram se tornando matéria-prima da narrativa. De fato, algumas das reformas que acontecem no livro foram sugeridas pela leitora, como as modificações do Quindim e do Rabicó, que vimos no início da carta. Vejamos como ficam essas sugestões na história:

A reforma do Quindim, por exemplo, que a Rã fez sozinha, era a coisa mais esquisita que se possa imaginar. Em vez do famoso chifre sobre o nariz, que é característico de todos os rinocerontes, a Rã botou uma flecha de cupido com um coração assado na ponta. Assado, imaginem! E ornamentou os cascos de Quindim com pinturas; Branca de Neve com todos os seus anões.⁸³

__ E o Rabicó, então?- continuou Pedrinho – Está com cauda de cachorro lulu, toda frisadinha, e só com dois pés – e pés de tartaruga. E com uma ratoeira no focinho e lenço automático no nariz!...⁸⁴

Embora várias cartas do dossiê, diferentemente das aqui lidas, mostrem-se pouco interessantes quanto ao estilo do missivista e à originalidade do conteúdo, no conjunto, representam o sucesso de Lobato em

⁸² Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, C1P2C30.

⁸³ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. Op. cit., p. 232.

⁸⁴ Idem, p. 243.

construir um mundo onde as crianças poderiam morar, tal qual ele morou no *Robison Crusóe* e n'*Os Filhos do Capitão Grant*, obras presentes em sua memória de leitura e lembradas em carta a Godofredo Rangel, de 07 de maio de 1926.⁸⁵ Nesses vestígios de memória deixados pelos leitores em suas cartas, o Sítio do Picapau Amarelo comparece como tendo sido o lugar em que, imaginariamente, várias crianças moraram durante a infância.

Creio que esse potencial encantatório da literatura do autor permanece atual e que, apesar da distância histórica e das muitas polêmicas que, na atualidade, a obra de Lobato tem suscitado, tal potencial é, por si só, argumento suficiente para que seus livros continuem sendo lidos e, inclusive, levados para a sala de aula – que se debata, que se discuta, que se faça a devida contextualização no processo de mediação que pais e professores podem conduzir, mas que não se retirem essas obras das estantes. É o mínimo que devemos a Lobato mediante o legado que nos deixou.

⁸⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v. 2, p. 293. Obras Completas.